



UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR  
PÓS-GRADUAÇÃO EM LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

MÁRCIA NASCIMENTO DOS SANTOS

**O MANEJO DO SUCÍDIO NA PSICOTERAPIA SOB A PERSPECTIVA DA  
LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL DE VIKTOR E. FRANKL**

Salvador  
2024

Márcia Nascimento dos Santos

**O MANEJO DO SUCÍDIO NA PSICOTERAPIA SOB A PERSPECTIVA DA  
LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL DE VIKTOR E. FRANKL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado no curso de pós-graduação em Logoterapia e análise existencial, da Universidade Católica do Salvador como requisito para obtenção de aprovação.

Orientador: Vinícius Cerqueira Bastos dos Santos

Salvador  
2024

# O MANEJO DO SUICÍDIO NA PSICOTERAPIA SOB A PERSPECTIVA DA LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL DE VIKTOR E. FRANKL

Márcia Nascimento dos Santos<sup>1</sup>

Vinícius Cerqueira Bastos dos Santos<sup>2</sup>

**Resumo:** Esse artigo tem como objetivo fazer uma pesquisa para estudo do fenômeno suicídio, a partir da obra O Suicídio: estudo de sociologia, do sociólogo Émile Durkheim, e, também, entender qual a visão da Logoterapia e Análise Existencial na perspectiva de Viktor Frankl sobre o suicídio, e como ela funciona na psicoterapia de pacientes com comportamento suicida. A pesquisa é teórica, qualitativa e instrumentalizada através do método de revisão de literatura, de caráter exploratório. Demonstrou que o fenômeno suicídio é multicausal, e, embora, tenha nos aspectos sociais um forte desencadeador, também, é justificado pelo vazio existencial proposto por Viktor Frankl, que é consequência da perda gradativa dos instintos naturais do homem e do enfraquecimento das tradições como norteadores da conduta do indivíduo na sociedade. Os dois autores convergem nesse aspecto da perda das tradições como fator desencadeador e na identificação da família e da espiritualidade como fatores de acolhimento, proteção e prevenção contra o suicídio. Porém, divergem na visão sobre o posicionamento humano frente ao suicídio, porque Durkheim apresenta uma visão fortemente determinista em relação a influência do meio social sobre o indivíduo. Já Frankl considera que o ser humano é potencialmente capaz de se posicionar diante da vida e do sofrimento, com liberdade e responsabilidade, realizando os valores existenciais como caminhos para encontrar e realizar o sentido vital.

**Palavras-chave:** Suicídio; Comportamento suicida; Psicoterapia; Logoterapia e análise Existencial.

## 1 Introdução

O Ministério da Saúde (2020), mostra o suicídio como a quarta causa de morte mais frequente entre a população brasileira, depois de outras como acidentes no trânsito, tuberculose e violência contra pessoas. Entre o período de 2010 e 2019, foram registradas 112.230 mortes por suicídio. É evidenciado que existe discussão sobre o tema, porém, o trabalho de prevenção e de atendimento de suporte às vítimas oferecido pelas instituições de saúde e da sociedade de modo geral, precisa ser ampliado. Assim, diante desse grande problema de saúde pública surgiu a necessidade de se investigar e estudar mais sobre esse tema.

---

<sup>1</sup> Psicóloga (Estácio). Pós-graduanda em Logoterapia e Análise Existencial pela Universidade Católica do Salvador (UCSal), E-mail: marcianascimento.santos@ucsal.edu.br.

<sup>2</sup> Psicólogo (UniRuy Wyden). Especialista em Logoterapia e Análise Existencial (UCSAL). Mestre em Educação (UEFS). Psicólogo Clínico e Professor Universitário.

A elaboração deste artigo foi pensada diante da necessidade de compreensão do fenômeno suicídio na sociedade e, teve como proposta analisar e organizar o resultado dos trabalhos bibliográficos de pesquisadores do tema, clássicos e atuais, permitindo ampliar a visão e o entendimento sobre o assunto. A metodologia para a realização da pesquisa buscou ser qualitativa, instrumentalizada por meio do método de revisão de literatura, de caráter exploratório. Para isso, foram selecionadas obras publicadas em meios escritos e digitais como fontes para análise de conteúdos bibliográficos, tais como: artigos acadêmicos, revistas, publicações científicas e páginas de websites relacionados ao tema para obtenção dos dados apresentados.

A Logoterapia e Análise Existencial foi privilegiada como abordagem psicossocial e antropológica para o enquadramento teórico, técnico e como embasamento do estudo da intervenção na clínica psicoterapêutica.

O objetivo central desse trabalho científico foi compreender e contextualizar o fenômeno suicídio na sociedade, a partir da obra *O Suicídio: estudo de sociologia*, do sociólogo Émile Durkheim, e, também entender qual a visão da Logoterapia e Análise Existencial, do psiquiatra Viktor Emil Frankl, frente a esse fenômeno, e, como ela funciona na psicoterapia de pacientes com comportamento suicida.

A análise da perspectiva psicossociocultural sobre o suicídio teve como ponto de partida a obra clássica *O Suicídio: Estudo de Sociologia*, de Émile Durkheim, e um trabalho mais atual produzido pelo pesquisador e psiquiatra Neury José Botega, *Crise Suicida: avaliação e manejo*. Estas obras oferecem uma visão ampla sobre a sociedade da época em que cada uma delas foi produzida.

Diante dessa breve exposição, a principal motivação da pesquisa foi conhecer e explicar como a Logoterapia e Análise Existencial funciona no manejo psicoterapêutico clínico diante de pacientes com comportamento suicida, visando ampliar a discussão e reflexão sobre o tema suicídio, e contribuir com os profissionais interessados.

## **2 O suicídio na perspectiva psicossociocultural**

Desde o século XVII a palavra suicídio é conhecida, segundo Botega (2015), e se origina do latim “sui cidium” (assassinato de si mesmo). Possui várias definições, mas, a ideia central é o ato de eliminar a própria vida.

Segundo Botega (2015), o suicídio era um evento que fazia parte dos costumes em algumas culturas primitivas, entre outros rituais. Era um ato racional e direito pessoal nas culturas greco-romana, da antiguidade. Na Idade Medieval foi concebido como instigação demoníaca e considerado um pecado mortal. Já na segunda metade do século XX, foi associado aos transtornos mentais e passou a ser tratado como assuntos da saúde pública. Desse modo, a visão sobre o suicídio é determinada conforme o momento histórico e os valores de cada sociedade.

O suicídio está longe de ser um interesse apenas da contemporaneidade. Já foi estudado por diversos autores, e, detalhadamente pelo sociólogo Émile Durkheim, pesquisador clássico do século XIX, que publicou em 1897 o livro *O Suicídio: Estudo de Sociologia*. Uma das motivações de Durkheim sobre o estudo desse fenômeno era comprovar através de dados científicos que havia uma determinação social para esse comportamento humano, dessa forma, além da importância para a sociedade da época, também, pretendeu a consolidação da Sociologia como ciência, dada a sua relevância para a compreensão dos fenômenos sociais.

Durkheim (2000) apresenta o suicídio com a particularidade de ser uma morte resultante da ação realizada pela própria vítima. Assim, ela é a própria autora, independente da causa da sua morte. Se se recusa alimentar-se, é considerada uma ação negativa ou abstenção, ou de outra forma, positiva e violenta, se autor se “destroi a ferro e fogo”, o que implica no uso da própria força muscular para a realização da ação. Entretanto, se o ato é interrompido antes que resulte na morte, se chama tentativa. São várias as formas possíveis de morte auto praticadas pela vítima de suicídio, sendo um ato positivo ou negativo. Ele entendeu que:

o que há de comum a todas as formas possíveis dessa renúncia suprema é o ato que a consagra ser realizado com o conhecimento de causa; é a vítima, no momento de agir, saber o que deve resultar de sua conduta, seja qual for a razão que a tenha levado a se conduzir assim. [...] (Durkheim, 2000, p. 23).

Independente da motivação que leva o sujeito ao ato de por fim à própria existência, as consequências resultantes de tal conduta são conhecidas previamente por ele.

Para a Organização Mundial de Saúde (2021), o suicídio é compreendido como: um fenômeno complexo, multifacetado e de múltiplas determinações, que pode afetar indivíduos de diferentes origens, classes sociais, idades, orientações sexuais e identidades de gênero. [...] (OPAS, 2021).

A Organização Mundial de Saúde apresenta um entendimento sobre suicídio como o fenômeno multicausal, de multideterminação, que perpassa e atinge toda a sociedade, e sua prevalência e sua ocorrência também variam em decorrência de fatores genéticos, biológicos, psicossociais, econômicos e culturais.

Durkheim (2000) compreende três tipos de suicídio: o suicídio egoísta, o altruísta e o anômico. O suicídio egoísta acontece nos casos em que o ego individual da vítima se sobrepõe demasiadamente ao ego social, podendo ter como desencadeadores mais fatores psicológicos, e menos fatores sociais. As relações sociais são frouxas, levando o indivíduo a se isolar completamente da sociedade, por não identificar nela traços valiosos, não se identificar, não se sentir adaptado, ou não sentir que vale a pena se vincular ao meio social. O indivíduo sem esse vínculo significativo e consistente deixa de ver sentido na vida, e põe fim à própria vida. À época em que a pesquisa foi realizada esse era o tipo de suicídio mais difundido e que fazia aumentar o índice anual de mortes voluntárias.

No suicídio altruísta o ego do sujeito se confunde com algo externo a si que considera maior ou mais importante, uma causa maior, ou que lhe parece nobre, a qual avalia valer mais a pena que a sua própria vida, como uma motivação social, cultural ou religiosa, interpretada como algo que irá elevá-lo ao caráter de uma pessoa altruísta. Essa motivação externa o faz se sentir na obrigação de tirar a própria vida. Por exemplo, os homens bombas, os terroristas radicais que se matam em nome de uma guerra santa, os pilotos camicases japoneses atuantes na segunda guerra mundial (Durkheim, 2000).

O suicídio anômico é aquele que ocorre em situação de anomia social, ou seja, quando há ausência de regras, há um caos desestabilizando a normalidade, afetando o equilíbrio social. É típico em épocas de crises financeiras, de escassez de víveres, de falta de água e de outros recursos naturais. O indivíduo em meio a anomia social sente a própria posição social ou seu poder econômico ameaçados ou comprometidos, então, perde a instabilidade emocional e recorre ao suicídio como tentativa de solução diante das bruscas mudanças. Esse tipo é comum em sociedades mais desenvolvidas financeiramente, pois nelas as pessoas não estão acostumadas com a pobreza, e geralmente não vivenciam situações de recessão. Por exemplo, a queda da bolsa de valores na Depressão econômica de 1929, nos Estados Unidos, que levou muitos executivos de grandes corporações a perderem tudo e, por isso, cometerem suicídio. Entretanto, em sociedades onde o desenvolvimento econômico é mais baixo, esse tipo de suicídio não ocorre, porque nelas as pessoas ainda não estão acostumadas com um

alto padrão de consumo, assim, diante de crises não há perdas significativas, e não ocorre a anomia social.

Durkheim (2000) propõe que o suicídio não pode voltar a ser reprimido de forma violenta como ocorria na Idade Média, mas, é necessário se manter como algo moralmente reprovado. Destaca, também, que as sociedades e suas relações com os indivíduos mudam conforme as coisas mudam dentro dela. Por exemplo, quando passou a ser industrial, a estrutura de funcionamento das sociedades desenvolvidas mudou afetando as relações entre elas e os indivíduos e destes entre si. Tornando-se mais complexa, com mudanças importantes que afetaram a divisão social do trabalho e das riquezas, e, conseqüentemente, aumentando as diferenças individuais, e distanciando as relações entre as pessoas. Assim, a sociedade deixa de ser a base de sustentação unificadora e passa a diferenciar indivíduo de indivíduo, aumentando as diferenças que levam ao desequilíbrio e desordem social, e afetam e enfraquecem os valores morais que norteiam a visão sobre a vida dentro dela, tanto individualmente, quanto coletivamente.

Também, aponta que o aumento da violência e da desvalorização da vida humana dentro da sociedade está relacionado diretamente com essa complexidade de mudanças dentro dela e com o seu distanciamento e abandono dos indivíduos. Quando se retira deles deixando de ser referência e amparo.

Durkheim (2000) pontua, principalmente, o aumento dos homicídios e dos suicídios, como conseqüências, oferecendo uma análise comparativa entre essas duas modalidades delituosas. Conclui, então, que tanto o suicídio quanto o homicídio são dois atos violentos que derivam desse contexto social em que as relações e os valores se tornaram frágeis. E, quando não há a resistência no meio social exercida pela “pressão da consciência pública”, a violência se volta contra o meio e acontece o homicídio, porém, encontrando essa resistência, essa violência volta ao próprio sujeito que se torna suicida. Além disso, afirma que nas sociedades inferiores, onde a vida humana é pouco respeitada os suicídios são mais incidentes e não são reprimidos.

Ainda, na análise dos dados referentes às mortes por suicídio e homicídio, Durkheim (2000) constatou que: a) Em algumas épocas e regiões fica difícil determinar a quantidade de ocorrência de suicídios e homicídios, se estabelecendo a real proporção de aumento entre as duas modalidades de violência; b) Nas regiões onde a incidência de homicídios é maior, a ocorrência de suicídio é em menor proporção; c) As guerras e crises políticas influenciam

no aumento dos casos de homicídio e o de suicídio retrai. d) O suicídio é mais comum nas áreas urbanas que nas rurais; e) Sobre a a influencia da religião, afirma que o Catolicismo faz retrair a incidência do suicídio, já o protestantismo faz aumentar. Entretanto, os homicídios são mais numerosos em países católicos do que nos protestantes, e f) A vida em família tem uma ação moderadora sobre o suicídio. Acredita que o matrimônio e a família exercem influência sobre seus membros impregnando-os com os valores morais. Isso é apresentado como um fator protetivo para seus membros. Ao contrário, um indivíduo não é afetado por tais valores quando se encontra isolado ou em condição de abandono.

Durkheim (2000) apresentou uma visão um tanto determinista sobre o fenômeno suicídio, apontando-o com uma relação direta com os modos de funcionamento da sociedade e das instituições sociais e suas relações, como: o casamento, a família, a religião, as forças armadas, entre outras, e estas como fatores de forte potencial de interferência na vida e na saúde mental dos indivíduos da sociedade da sua época. Assim, diz sobre:

a impressão de que o indivíduo é dominado por uma realidade moral que o ultrapassa: é a realidade coletiva. Ao vermos que cada povo tem uma taxa de suicídios que lhe é pessoal, que essa taxa é mais constante do que a da moralidade geral, que, se ela evolui, e segundo um coeficiente de aceleração próprio a cada sociedade, que as variações pelas quais ela passa nos diferentes momentos do dia, do mês, do ano não fazem mais do que reproduzir o ritmo da vida social; ao constatarmos que o casamento, o divórcio, a família, a sociedade religiosa, o exército, etc., a afetam segundo leis definidas das quais algumas podem até ser expressas sob forma numérica [...] (DURKHEIM, 2000, p. 21).

Por fim, ele afirma que os vínculos constituídos nas instituições como: o casamento, a família, a religião e o próprio meio social são fatores protetivos contra a violência, especialmente, na forma do suicídio. Os indivíduos que não se encontram acolhidos por elas estão mais suscetíveis e vulneráveis a essa forma de morte.

Na atualidade, o suicídio também se impõe como demanda urgente da saúde pública e de toda a sociedade, em razão dos dados preocupantes divulgados em 2023, pela Organização Pan-americana da Saúde (2021) que indicam o aumento em 17% da taxa de suicídio nas Américas, principalmente, entre jovens de 15 a 29 anos.

A prevalência do assunto suicídio como um fenômeno do comportamento humano nas sociedades: antiga e contemporânea, e a urgência em compreendê-lo, inclusive, no viés da

psicoterapia, aguçam o interesse por uma abordagem mais aprofundada sobre o tema, com a pretensão de estudá-lo na perspectiva preventiva, no enfoque teórico e técnico da Logoterapia e Análise existencial.

### **3 A Logoterapia e Análise Existencial e suas considerações sobre o suicídio e o comportamento suicida**

A Logoterapia e Análise Existencial é a terceira Escola Vienense de Psicoterapia, fundada por Viktor Emil Frankl, nascido em uma família judia, em Viena, capital da Áustria, em 1905. Desde cedo ele mostrava o interesse pela Psicoterapia, e se correspondia com Sigmund Freud. Se formou em Medicina em 1930, depois se especializou neuropsiquiatria e atuou em um hospital psiquiátrico de Viena.

A Logoterapia e a Análise Existencial são para Frankl (2022) dois aspectos de uma mesma teoria. Sendo a Logoterapia um método de tratamento psicoterápico que significa “se aproximar do paciente com a lógica” e a Análise Existencial uma corrente antropológica de pesquisa aberta em duas dimensões: para cooperar com outras correntes e para evoluir em si mesma.

Frankl enfrentou muito sofrimento e perdas em sua vida, mas, esse foi o diferencial que determinou a construção de tudo o que ele se tornou e criou. E tudo começou com as restrições dos nazistas aos judeus, e, depois as perseguições, as limitações à vida dele e de todos os judeus em Viena, até o fim da segunda Guerra Mundial. Depois de sobreviver aos horrores da guerra nos campos de concentração de Auschwitz, de Kaufering e de Türkheim, Frankl criou a Logoterapia com seus fundamentos, a partir do seu livro: Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração, que se tornou o marco inicial.

Para Frankl (2019), o sofrimento humano não é necessário à descoberta de sentido, mas ele pode ser alcançado apesar do sofrimento. Porque se a pessoa não pode mudar a situação que causa seu sofrimento, pode escolher a sua atitude diante dele, assumindo uma mudança criativa ante a situação que o faz sofrer, atribuindo um sentido para o sofrimento, mesmo quando ele for inevitável.

A Logoterapia e Análise Existencial está fundamentada na Filosofia, na Antropologia, na Ontologia e na Fenomenologia que formam a sua base filosófica e teórica. Os principais expoentes que contribuíram para os fundamentos da Logoterapia e Análise Existencial são Edmund Husserl, Max Scheler, Martin Buber, Heidegger, Jaspers e outros.

Frankl (2024) fundou três pilares ou princípios básicos que explicam o funcionamento da Logoterapia como escola e psicoterapia: a liberdade de vontade, a vontade de sentido e o sentido da vida. A liberdade de vontade do homem é o fundamento antropológico que explica sobre a liberdade e a responsabilidade humana, pois, independente das contingências biopsicossociais, ele é livre para tomar uma atitude diante de algo, e, portanto, responsável por suas decisões e escolhas. A vontade de sentido se refere ao que motiva a busca contínua do homem por um significado para a sua vida, sua vocação, ou chamado, algo que alicerça o sentido da sua existência, e, esse movimento só é possível àquele que transcende de si mesmo, da sua vontade de prazer e de poder para ir além, na direção de algo fora de si, como um outro ser, ou um sentido de existir, ou uma missão para realizar, e se relaciona à dimensão noética ou espiritual. O último, o sentido da vida é a descoberta subjetiva que é imprescindível a cada ser humano. Cabe a cada homem encontrar e realizar o propósito para a própria existência. É o que o torna singular.

Na Logoterapia, a visão de homem, segundo Frankl, está fundada na totalidade e unicidade das dimensões biopsicossocial e espiritual. Sendo esta última acrescentada e denominada por ele “dimensão noética”, que é imaterial, invisível, única, indivisível, irrepetível e inigualável. Nela ocorre a tomada de posição, em face das condições corporais e de existência psíquica, além das decisões pessoais de vontade. Se constitui sede onde opera a liberdade e a responsabilidade e todos os fenômenos intrinsecamente humanos. É a dimensão exclusivamente humana, e que faz o diferencial entre as demais abordagens de psicoterapia. Porque, ao contrário das outras psicoterapias, a Logoterapia não fica no plano das neuroses, mas vai além dela e penetra a dimensão dos fenômenos especificamente humanos (Frankl, 2019, p. 21).

A Logoterapia se diferencia das demais abordagens porque incluiu a dimensão noética do homem, a que não adocece, e através dela direciona o para a cura. Assim, não fica limitada às neuroses, no sentido da doença. Vai além penetrando a dimensão dos fenômenos especificamente humanos. Ajuda a ampliar o campo de visão do paciente. Por exemplo: a

enxergar a saúde ao invés da doença, ajudar a entender o que acontece para saber buscar a solução e a mudança. As demais abordagens tem o foco na doença, nos diagnósticos e nos problemas do paciente.

As técnicas aplicadas na Logoterapia e Análise Existencial, também, são fundamentadas por duas características antropológicas que as norteiam, a autotranscendência e o autodistanciamento. A autotranscendência, capacidade inerente à dimensão noética atua de forma livre, intuitiva, capaz de favorecer a autorrealização, através da dedicação da pessoa a uma tarefa ou a alguém. O ser humano sempre se dirige para além e fora de si próprio como forma de realização do sentido existencial. E o autodistanciamento é a capacidade que caracteriza a existência do homem como humana, pois somente ele é potencialmente capaz de tomar distância para compreender os fenômenos e o sentido real das coisas que acontecem em volta de si.

As principais técnicas da logoterapia empregadas são: a Intenção paradoxal que acontece no fato duplo de que o medo produz aquilo de que temos medo, e de que a intenção excessiva impossibilita o que desejamos. Ex.: a jovem deseja tanto engravidar que não consegue. A Psicoeducação que auxilia no autoconhecimento, promove a reflexão, a desconstrução de crenças disfuncionais. A Derreflexão que colabora para remissão dos sintomas de forma mais imediata, possibilitando desconstruir algumas crenças disfuncionais e entender o quanto esses pensamentos atrapalham. A assertividade que trabalha o desenvolvimento de habilidades sociais e na resolução de problemas e enfrentamento. A Análise dos sonhos que contribui para desconstruir mitos e medos, decodifica mensagens mistas para compreender símbolos e significados nos sonhos para ampliar a autorreflexão. O Confronto que se refere à capacidade do terapeuta em contra argumentar o indivíduo através do diálogo ou questionamento socrático, poderá colocá-lo de frente com questões antes não refletidas, ampliando sua autorreflexão e cosmovisão. A Biblioterapia que propõe escrever contando a própria história. A Modificação de atitude que tem a ver com a história do paciente, propondo que se fizesse de outra forma uma situação, e o Autoconhecimento que favorece a percepção de si mesmo, ampliando a autorreflexão do momento vivenciado.

A finalidade da psicoterapia na Logoterapia e Análise Existencial, segundo Frankl (2019) é ajudar o paciente a encontrar sentido para desfrutar de uma existência com sentido. E realiza isso mostrando caminhos para a recuperação e o resgate da pessoa sã que existe no paciente, educando-o para o despertar da liberdade e da responsabilidade em relação as

escolhas que afetam a si mesmo e aos seus semelhantes. E, principalmente, revela que é possível encontrar sentido para a vida mesmo nos fenômenos do sofrimento, da culpa e da morte, que compõem a chamada tríade trágica.

Frankl (2019) compreende a tríade trágica como aspectos da existência humana como: dor, culpa e morte. E destaca duas tríades: a negativa presente na agressividade, na dependência e na depressão; e a outra, positiva em que o sofrimento, a culpa e a morte promovem comportamentos e adoecimentos distintos, que conduzem a um despertar consciente de si, possibilitando novos processos de reflexão e conscientização. Se diz da capacidade humana de transformar criativamente os aspectos negativos da vida em algo positivo ou construtivo.

Para Frankl (2019), as tragédias que sobreveem ao homem não necessariamente produzem o desespero, ao ponto que o levem a desistir da própria vida. Mas, aponta para um sentimento de falta de sentido, que vem acompanhado de um sentimento de vazio, de um “vácuo existencial”.

Ele explica que o homem não é como os outros animais que são orientados pelos instintos. O processo evolutivo humano suplantou essa necessidade, que era essencial ao homem primitivo. E na atualidade, as tradições e valores que antes norteavam a vida em sociedade, estão enfraquecidos da sua finalidade e não têm mais poder de dizer ao homem o que fazer, de orientá-lo.

O sentimento de vazio não é unicamente abordado na Logoterapia, mas é o seu foco. Nele o ser humano é tomado por um sentimento de falta de sentido, que Frankl (2019) denominou vazio existencial. E explica que há formas mascaradas de frustrações existenciais, como o abuso de drogas, como é o caso do alcoolismo, que se tornou um fenômeno das populações atuais que buscam dessa forma o preenchimento do sentimento de falta de sentido que resulta de uma frustração das necessidades existenciais, explicadas pela perda das tradições das sociedades e dos grupos e, também, dos instintos originais do ser humano perdidos pelo desuso. Também, a criminalidade e os suicídios são apontados como consequências desse vazio.

Segundo Frankl (2024), a motivação primordial na vida do homem é a busca por um sentido em sua vida. Esse sentido é exclusivo e específico para cada indivíduo e precisa ser cumprido. Somente, assim, esse sentido alcança a relevância que o fará realizar a vontade de sentido. Essa vontade de sentido se refere ao que motiva a busca contínua do homem por um significado para a sua vida, sua vocação, ou chamado, algo que alicerça o sentido da sua existência, e, esse movimento só é possível àquele que transcende de si mesmo, da sua vontade de prazer e de poder para ir além, na direção de algo fora de si, como um outro ser, ou um sentido de existir, ou uma missão para realizar, e se relaciona à dimensão noética ou espiritual.

Para Frankl (2019), o ser humano está estruturado de uma maneira tal, e, também, constituído de um modo peculiar que, simplesmente, não consegue subsistir sem um sentido, sem um para que existir.

Frankl (2022) explica que o homem se aproxima de uma possibilidade de sentido por três vias: através de um ato que ele realiza ou de uma obra que ele cria, vivenciando algo como a realização de um trabalho ou o amor a alguém, e, a última, quando ele é confrontado com algo ou uma situação que não possa alterar saber que há sempre uma possibilidade de posicionamento diante dela, por exemplo, transformando uma tragédia pessoal em uma vitória humana.

Segundo Frankl (2024), a busca pelo sentido, ao invés de fazer o sujeito experimentar um equilíbrio, pode provocar certa tensão interior, que é indispensável à saúde mental, porque nos momentos mais sofridos da vida é possível encontrar o sentido para a vida. Citando Nietzsche ele escreve que: “Quem tem um por que viver pode suportar quase qualquer como” (FRANKL, 2024, p. 163).

Essa tensão referida por Frankl (2024) é necessária, pois direciona para a finalidade que é a realização do “por que viver”, ou seja, do sentido. Mas, pode ocorrer a frustração da vontade de sentido, o que gera uma “frustração existencial” e pode resultar em neuroses. Segundo Frankl (2024), essas neuroses, as quais chamou de noogênicas, isto é, que são próprias da existência humana, surgem por causa dos problemas existenciais, e se originam na dimensão psicológica. O adoecimento que leva o indivíduo ao comportamento suicida, é

próprio dessa dimensão. A Logoterapia é a terapia específica para os casos de adoecimentos nessa dimensão humana.

#### **4 Diálogo entre Durkheim e Viktor Frankl diante da visão sobre o suicídio**

Émile Durkheim, filósofo, sociólogo e antropólogo, nascido em 1858, de descendência judia, considerado o pai da Sociologia e Viktor Emil Frankl, escritor e psiquiatra, nascido em 1905, de descendência judia, fundador da Logoterapia e Análise Existencial, são dois pesquisadores que apesar da distância temporal entre suas publicações, têm pontos convergentes e outros divergentes para a explicação do fenômeno suicídio e sobre os fatores que fazem aumentar o número de casos relacionados na sociedade.

Durkheim (2000), através de dados estatísticos, analisa as teorias que explicam o suicídio com base nos fatores: psicológicos, biológicos, étnicos, genéticos, climáticos e geográficos, refutando-as. E, demonstra que os fatores sociais são a hipótese principal para a ocorrência do fenômeno na sociedade, explicando que o suicídio só pode ser compreendido plenamente em termos sociológicos, e não por motivos de ordem pessoal. Para ele a explicação está na sociedade e não no indivíduo, pois existe uma determinação social. Afirma que os fatores protetivos para a imunidade do homem diante do suicídio reside nos laços sociais, ainda, mais especificamente, explica o papel dos núcleos familiares ao acolherem seus membros. Assim, as pessoas que não vivem sozinhas estão mais protegidas e correm menos risco que as solitárias.

Durkheim (2000) apresenta uma visão determinista para o fenômeno suicídio, e afirma que:

forças reais, que vivem e que operam e que pelo modo que determinam o indivíduo testemunham suficientemente que não dependem dele", ainda que este esteja presente como "elemento na combinação que dessas forças resulta", essas "acabam por se imporem à medida que vão se desenvolvendo (DURKHEIM, 2000, p. 13).

De forma divergente, Frankl (2019) entende que embora o homem seja condicionado no meio social para ser humano, entretanto, perante o destino social, o destino biológico e o psicológico ainda conserva a liberdade de decisão. Por essa razão, o compreende como um ser que pode se comportar livremente para fazer escolhas, e, portanto, se tornando responsável por aquilo que escolhe a cada instante.

Tanto em relação ao mundo circundante natural e social, em relação ao meio exterior, quanto em relação ao mundo interior psicofísico vital, em relação ao meio interior, o homem toma posição a cada instante da sua existencia (FRANKL, 2022, p. 95).

Conforme Frankl (2019), essa liberdade para se posicionar contra tudo o que existe de aspecto social e psicofísico no próprio homem e no ambiente social, é atributo da sua dimensão espiritual. Embora, os fatores condicionantes da existência humana no mundo, comum a todos os humanos, sejam fatais, pela condição de ser algo que lhes é dado como destino, sem possibilidade de alterações. Entretanto, diante das limitações desse destino existe a possibilidade do homem buscar a complementação educacional ou de auto educação, pois, na dimensão noética ou espiritual há abertura para esse o movimento na direção da cura.

Claro, que há de se considerar o fatalismo neurótico que influencia o indivíduo, gerado nele durante a sua socialização, desde a mais tenra idade, através da educação tanto sistemática quanto assistemática e pelo meio ambiente que o circundou durante a vida inteira.

Outro ponto comum entre os dois pesquisadores é o reconhecimento da influência do meio social, por meio das tradições como orientadoras dos indivíduos na sociedade, e a constatação do esvaziamento delas nesse sentido. E para Frankl (2016), além da perda da referência, também, traz como consequência o sofrimento causado pelo vazio existencial.

Basta pensar o quanto o ser humano de hoje sofre não apenas por causa de uma progressiva perda do instinto, mas também, de uma perda da tradição: na dimensão vital, as tarefas da vida são atribuídas pelos instintos e na dimensão social, pelas tradições. [...] ao ser humano de hoje, que – para além dessa perda dos instintos – foi entregue a si mesmo pela perda da tradição, nem os instintos revelam o que tem de fazer, nem as tradições o que deve fazer: a partir de sua vontade de sentido sabe, contudo, que quer dever. Mas muitas vezes não sabe mais o que deve querer (FRANKL, 2019, p. 79).

Frankl (2019) aponta para as causas que conduzem o homem ao que denominou de vazio existencial, caracterizado pelo vazio interior e pela falta de conteúdo, que provoca o sentimento de perda do sentido da existência e do conteúdo da vida. São encontradas nessa condição de vazio as reais causas das frustrações, das enfermidades neuróticas noógenas e do estado de tédio e de carência que podem levar à compensação através dos vícios e ao desespero.

Dessa forma, indo na contramão do determinismo sociológico durkheimiano, Frankl aborda o suicídio como uma questão existencial, ou seja, um problema relacionado à existência humana. E tenta compreendê-lo sob o ponto de vista da pessoa que se cansou de viver, por causa do fechamento da sua consciência em torno do problema que a angustia, levado-a a acreditar que a única saída diante do seu sofrimento existencial é o suicídio, enxergando-o como única solução.

Embora Durkheim e Frankl não sejam confluentes nas idéias relacionadas aos aspectos que determinam o fenômeno suicídio, ambos concordam que os laços sociais e a religião ou espiritualidade têm potencial protetivo para que as pessoas consigam estar imunes a ele ou enfrentá-lo.

### **5 A prática da Logoterapia e Análise Existencial diante da pessoa com comportamento suicida**

A Logoterapia é apropriada para tratar todas as demandas de adoecimento psíquico. E o seu diferencial está em atuar centrada no sujeito que adoeceu, e não na sua doença. Seu foco está na direção dos sentidos existenciais que os pacientes precisam realizar. Precisamente, ela muda o foco da atenção demasiado sobre o problema, rompendo o ciclo vicioso e o lança sobre aquilo que o paciente potencialmente pode realizar.

A potencialidade para a realização do ser humano apontada pela Logoterapia, segundo Frankl (2019), se refere à atuação mediante três grupos de valores que também funcionam como caminhos para a realização do sentido, são os valores criativos relacionados à execução de um ato criador ou ao cumprimento de uma tarefa ou uma atividade, os vivenciais que são realizados na experiência vital, ou seja, na vivência humana de forma individual ou na interação com o meio social e, os valores de atitude relativos à maneira como cada ser humano se posiciona perante um destino fatal, ou seja, sofrimentos inevitáveis da vida com atitude de coragem e dignidade.

A realização dos valores é alcançada através da autotranscendência e do autodistanciamento, no despertar da consciência, e conduzem a pessoa a autotransformação, promovendo-lhe o encontro com o sentido da vida. É o que [...] permite compreender o

valioso da vida independente da estreiteza das circunstâncias, é precisamente a apreensão de toda a riqueza do reino dos valores em toda a sua plenitude (FRANKL, 2019, p. 112).

A Logoterapia contribui no manejo clínico do paciente com comportamento suicida ao ajuda-lo a ampliar a autorreflexão e seguir ao encontro com sentido e consigo mesmo, rompendo com o ciclo vicioso que o leva ao estado patológico.

Para Frankl (2019), nenhum tipo de suicídio é justificável, nem o expiratório. Muitas vezes, a motivação se origina de algum ressentimento, e sua consumação impossibilita o suicida de crescer e amadurecer mediante seu sofrimento, e, dessa maneira, realizar valores de atutude.

Mas o que fazer com aquele paciente que está “cansado de viver”? Segundo Frankl (2019), o terapeuta utilizando os meios da logoterapia, deve chamar a atenção do paciente para o fato de que o cansaço de viver é um sentimento, que não possui valor de argumento, e, repetidamente, levá-lo a compreender que um problema não pode ser a solução de outro problema. Também, traz como recurso fazer o paciente se ver como um jogador em uma partida de xadrez que, colocado diante de um problema que lhe parece extremamente difícil, joga fora as pedras do jogo, sem com isso resolver qualquer problema de xadrez. Com a vida sucede também assim: nenhum problema se resolve deitando fora a vida (FRANKL, 2019, p. 122).

Frankl (2019) aponta para a impossibilidade do terapeuta de eliminar o mal que assola o paciente com comportamento suicida, e diz que a atitude correta é convencê-lo de sua capacidade de viver sem o que não pode ter, e que superar sua frustração ou sofrimento traz um sentido para a vida, promove o crescimento pessoal, fazendo-o enxergar a vida como um valor e que há nela uma missão a se realizar.

Frankl (2019) orienta que diante de casos em que os pacientes além de duvidarem do sentido das suas vidas, também, se encontrarem desesperados, correm o risco de suicídio, e, nesses casos o socorro inicial deve ser dado. Consiste em fazer o paciente se dar conta que o mal que o oprime é algo que se insere no rol temático da filosofia da existência humana contemporânea. Desse modo suas necessidades anímicas se revelam coincidindo com as necessidades espirituais da humanidade, e logo percebe que não há do que se culpar, porque é algo comum ao homem contemporâneo, e se distancia do problema que o assolava.

Frankl (2016) relatou um caso de tentativa de suicídio:

Stefan V., 58 anos, estrangeiro que não se suicidou por causa dos amigos, aos quais prometeu não atentar contra a própria vida sem antes chegar a Viena e conversar com ele. A esposa havia falecido há oito meses por causa de um carcinoma, diante disso tentou se matar, ficou internado durante semanas. Ao ser questionado por que não tentara novamente, respondeu: “Só porque ainda tenho algo a fazer”. Ele tinha que se ocupar do túmulo da mulher. Perguntei-lhe “Fora isso, o senhor não tem mais nada a fazer?”. Sua resposta: “Tudo me parece sem sentido, sem importância”. Eu: Será que é sua percepção de importante ou desimportante é que manda?” Não é possível que seu sentimento de falta de sentido possa estar enganando o senhor? O senhor tem o direito de ter de nada e ninguém pode substituir sua mulher, mas o senhor tem o dever de se dar uma chance de sentir de um jeito diferente algum dia e vivenciar o período em que fará isso”. Ele: “Não consigo achar mais graça na vida”. Eu lhe digo que exigir isso dele seria exigir demais, e a pergunta é se ele tem a obrigação de continuar vivendo, apesar de tudo. Ele: Obrigação?... São apenas palavras. Não adianta”. “Eu: Será que não existem coisas como a amizade e a palavra de honra, não existem coisas como a colocação da lápide – para mortos, para seres que não existem mais na realidade-, que não estejam acima de toda utilidade e aplicação imediatas? Se o senhor se sente obrigado a colocar uma lápide para uma morta, então o senhor não se sente ainda mais obrigado a continuar vivendo para ela?” (FRANKL, 2016, p. 229).

O resultado dessa intervenção foi que o paciente reconheceu de forma inconsciente e implícitamente, seu comprometimento não apenas com uma tarefa a realizar, mas com o compromisso assumido perante os amigos e a esposa falecida. Nesse caso, Frankl usou os próprios atributos de lealdade e compromisso apresentados pelo paciente, como recurso para estabelecer o diálogo com ele e confrontá-lo, para que pudesse perceber na sua realização de valores como um sentido para continuar vivendo.

Em casos de depressão endógena, aquelas causadas por fatores internos ou orgânicos como por exemplo, a alteração da bioquímica cerebral, Frankl (2019) recomenda aos terapeutas além do tratamento ambulatorial a internação do paciente, por causa da tendência de fazer autoacusações e da tendência de comportamento suicida, geradas porque o paciente vivencia intensamente a tensão entre o que é, e o que deveria ser, isso provoca uma enorme carga de culpa, aumentada pela própria incapacidade que a doença lhe causa. Assim, a internação é necessária porque afasta o paciente do meio em que é confrontado com suas insuficiências, quando tenta realizar atividades ou diante de alguma situação, que Frankl (2019) denominou de tríade do fracasso: a incapacidade de trabalhar, a incapacidade de desfrutar e, em alguns casos, a incapacidade de sofrer. A estratégia terapêutica seria se concentrar na mudança da forma como o paciente se posiciona diante da sua doença, ou seja, fazê-lo buscar uma mudança de atitude diante dela.

## **5. Considerações finais**

O suicídio é um fenômeno multifacetado que aponta no meio social suas principais causas, conforme a visão determinista do sociólogo Émile Durkheim. Entretanto, segundo Viktor Frankl, o ser humano é potencialmente dotado de capacidade para se posicionar diante desse destino e do “cansaço de viver”, decorrente do seu vazio existencial, com liberdade e responsabilidade, buscando na realização dos valores existenciais os caminhos para a manutenção da própria vida. Mas, os dois autores convergem no aspecto da perda das tradições como um fator desencadeador e, na identificação da família e da espiritualidade como fatores de acolhimento, proteção e prevenção contra o suicídio.

Freitas (2013) também apresenta alguns recursos para afastar o paciente do vazio existencial, e, conseqüentemente, do comportamento suicida. Por exemplo: 1. o refugio no passado: dar valor às pequenas coisas ou feitos da vida, pois, se a pessoa ocupa a mente com coisas significativas da sua existencia, terá boas lembranças para acessar nos momento de crise. 2. Apreciar a natureza, como observar o por do sol, possibilita vivências enriquecedoras. 3. Ajudar aos outros leva o ser humano à autotranscendência que implica em enxergar além de si mesmo. 4. Visão de futuro, ir além de si mesmo, pois dessa maneira se refugia na esperança e se esquece do sofrimento presente. Segundo Frankl (2019), tais recursos implicam na realização de valores existenciais.

A Logoterapia é uma psicoterapia que possui recursos que indicam ser adequados para tratar pacientes com comportamento suicida. Entretanto, é necessário que o terapeuta domine esse conhecimento e possua desenvoltura para aplicá-lo na sua prática clínica.

Este artigo científico pretendeu contextualizar e compreender o fenômeno suicídio na sociedade, e entender a visão da Logoterapia e Análise Existencial, do psiquiatra Viktor Emil Frankl, sobre tal fenômeno e como ela pode contribuir na psicoterapia de pacientes com comportamento suicida. Entretanto, nenhum trabalho científico se esgota diante de um tema tão vasto e complexo como esse, mas, é possível ampliar a discussão e a reflexão sobre o que já foi abordado, e contribuir com os profissionais interessados.

## **Referências**

DURKHEIM, E. O Suicídio: Estudo de Sociologia. São Paulo, Martins Fontes, 2000  
Disponível em: <[https://ia800201.us.archive.org/10/items/durkheimemile.OSuicidio/DURKHEIM%2C%20E%CC%81mile.%20O%20Suici%CC%81dio\\_text.pdf](https://ia800201.us.archive.org/10/items/durkheimemile.OSuicidio/DURKHEIM%2C%20E%CC%81mile.%20O%20Suici%CC%81dio_text.pdf)> Acesso em: 16 mai. 2024.

FRANKL, V. E. Fundamentos antropológicos da psicoterapia. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1978.

FRANKL, V. E. Teoria e terapia das neuroses: introdução à logoterapia e à análise existencial. 1ª edição, São Paulo, SP: É Realizações, 2016.

FRANKL, V. E. Em Busca de Sentido: um psicólogo no campo de concentração. 61ª edição, São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2024.

FRANKL, V. E. A Psicoterapia na prática: uma introdução casuística para médicos. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2019.

FRANKL, V. E. Psicoterapia e sentido da vida. São Paulo, SP: Quadrante, 2019.

FRANKL, V. E. Logoterapia e Análise Existencial: textos de seis décadas. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2022.

FRANKL, V. E. Psicoterapia para todos: uma psicoterapia para contrapor-se à neurose coletiva. 3ª edição, Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2018.

BOTEGA, N. J. Crise Suicida: Avaliação e Manejo. Porto Alegre, Artmed E-PUB, 2015.

BOTEGA, N. J.; WERLANG, B. S. G.; CAIS, C. F. S.; MACEDO, M. M. K. Prevenção do comportamento suicida. Artigo. *Psico Psico Ψ*, v. 37, n. 3, p. 213-220, set./dez. 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/pusp/v25n3/0103-6564-pusp-25-03-0231>>. Acesso em: 16 mai. 2024.

FIOCRUZ - Estudo aponta que taxas de suicídio e autolesões aumentam no Brasil. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/noticia/2024/02/estudo-aponta-que-taxas-de-suicidio-e-autolesoes-aumentam-no-brasil>>. Acesso em: 16 mai. 2024.

FREITAS, M. L. S. Afrontamento e superação de crises – contribuições da Logoterapia. 1ª Edição, Editora IECVF, Ribeirão Preto, 2013.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Boletim Epidemiológico, Secretaria de Vigilância. Disponível em: <<http://saude.gov.br/images/pdf/2019/julho/17/2019-014-Publicacao-02-07.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2024.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE – Região das Américas. Jun, 2021. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/noticias/17-6-2021-uma-em-cada-100-mortes-ocorre-por-suicidio-revelam-estatisticas-da-oms>>. Acesso em: 22 mai. 2024.

SILVA, É. S. O que te mantém vivo? A Logoterapia na prevenção do suicídio. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2022. Disponível em <[https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-15082022-132807/publico/santos\\_me.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-15082022-132807/publico/santos_me.pdf)>. Acesso em: 16 mai. 2024.

SOARES, F. C, STAHNKE D. N, LEVANDOWSKI M. L. Tendência de suicídio no Brasil de 2011 a 2020: foco especial na pandemia de covid-19. *Rev Panam Salud Publica*. 2022;46:e212. <https://doi.org/10.26633/RPSP.2022.212>. Acesso em: 12 nov. 2024.